

( 1 )

37/181

# VEXAME

AOS QUATRO INSECTOS  
favandijas , que mais perseguem o  
Individuo humano.

QUE SAÕ

PULGAS, PIOLHOS,  
PERSEVEJOS, E MOSQUITOS.

## ROMANCE.

**E**U quero hoje contar,  
Para divertir o vulgo,  
Os motivos porque vélo,  
A causa porque não durmo.

Quando na cama me deito  
Para descansar o vulto,  
Acho quatro inimigos,  
Que entraõ commigo a furo.

a

O Mos.

O Mosquito , o Persevejo ,  
 A Pulga , e o Piolho astuto ,  
 Supposto que impertinentes ,  
 São os meus quatro adjuntos.

Das Musas a mais piolhosa ,  
 He que neste canto busco ,  
 E ao mais pobre Apollo chamo ,  
 Que eu a todo o Sol me espulgo.

Venha o Mosquito a juizo ,  
 Ladraõ subtil , e abelhudo ;  
 Seja o primeiro , porque ando  
 Picado com elle ha muito.

Flauta de todos os diabos ,  
 E diabolico canudo ,  
 Que os ouvidos me atormentas  
 Com teu infernal suslurro.

E a graça he que se enfada ,  
 Se eu ao seu canto não durmo ;  
 Porque guincha com mais força  
 Quando da orelha o sacudo.

Por mais que rodéla faço  
 Do lançol , com que me cubro ,  
 Não basta , que aquelle estoque  
 Passa o colete mais duro.

Eu sempre alecrim lhe queimo ,  
 Mas que importa , se aos seus fumos  
 Superaõ os altos voos  
 Deste nada perniagudo !

Este invisivel morcego ,  
 E voador sanguisugo ;  
 Nunca vista Passarola ,  
 E impalpavel Avechucho.

Este Musico de orelha ,  
 Falcete em arias diffulo ,  
 A quem eu faço o compasso  
 A bofetadas , e a murros.

Esta praga , que do Egypto  
 Se estendeo por todo o mundo ,  
 Sendo em summa , tudo nada ,  
 He o que me chupa o summo.

Mas dos mosquitos humanos  
 Livre Deos os noslos vultos ;  
 Que a quem achao mais coberto  
 Chupao com mayor impulso.

Ora o ladrao Persevejo  
 Seja dos quatro o segundo ,  
 Que bem podia ser quinto ,  
 No que mata de importuno.

He matador , e he ladrao  
 A hum tempo nos seus absurdos ;  
 Que nao so me rouba o somno ,  
 Mas tambem me prega hum chuso.

Se eu na forza de dous dedos  
 O aperto , ou o dependuro ,  
 Ao tempo que mais me fede ,  
 Tambem me cheira a defunto.

Quando vê que vou sobre elle,  
 Depois de encher o bandulho,  
 Corre este diabo negro  
 Mais do que hum cavallo ruço !

Para defender-me delle  
 Com toda a roupa me embrulho,  
 E por não morrer de abafó,  
 Algumas vezes lhe fujo.

E quando o ladraõ me apanha,  
 Ou por somno, ou por descuido,  
 Descoberto hum meyo braço,  
 Dá-me estocadas de punho.

He tão defavergonhado  
 Em seus affaltos, e insultos,  
 Que se atreve ao Rey ao Papa,  
 Ao Cardeal, e ao Nuncio.

Das Freiras, e das Senhoras  
 Nenhum leito está seguro;  
 Se até entra em hum páo santo  
 Este animado caruncho.

Eu devo de ter bom fangue,  
 Pois vejo que o porco immundo  
 Do meu he que faz chouriços,  
 E tal, que me mette engulhos.

Destes ha aqui ladroens limpos,  
 Porém ha outros tão çujos,  
 Que tendo em roubos sobejos,  
 Por sobejos os empurro.

O terceiro favandija  
 He tambem ladrao astuto ;  
 Por quem eu dou ao Piolho ;  
 E ás vezes o diffimulo.

Mas se ao pescoço se lança  
 Do vizinho , entao acudo ,  
 E dizendo com licença ,  
 No chaõ de hum sopro o derrubo.

Huma escolastica palha  
 Lhe chamaõ lá nos estudos ,  
 Porque sabe muita letra ,  
 Porém eu , palha de burro.

Palha , que ronda , e capêa ,  
 He de quadrilheiro junco ,  
 Que busca o calção dos pobres ,  
 E tira o sangue dos justos.

Eu só por só naõ lhe hey medo ,  
 Que o coço , como costume ;  
 Mas se com gente me apanha ,  
 Entao por força o aturo.

Sou certamente o seu alvo ,  
 Pois me investe resolutio ,  
 Vendo-me roupa lavada ;  
 Que naõ gosta de basculhos.

Outros lhe chamaõ Fidalgo ,  
 Só porque morre a pés juntos ;  
 E eu o vi dar carreiras ,  
 Buscando á vida refugios.

Com

Com pobres mais se accomoda ,  
 Onde come a menos custo ;  
 Mas se com pobres se mette ,  
 Não he Figalço , he impuro.

Quando se retira ao mato  
 De louro, castanho, e escuro ,  
 As montarias de hum pente  
 Lhe faço muito a miudo.

E se acafo da cabeça  
 Me cahe nas unhas o bruto ,  
 Como he capital o crime ,  
 Alli logo á morte o julgo.

E pois que ha em outro sexo ,  
 Por casaf, e por monturos ,  
 Tambem savandijas ladras ;  
 Venha a Pulga aqui de pulo.

Esta velhaca buscana ,  
 Como ladrao dissoluto ,  
 Se mette pelos meus quartos  
 A comer nos meus prezuntos.

Como vê nos seus affaltos  
 A fraqueza dos meus muros ,  
 Trépa, e no ouvido me entra ,  
 Que fao mil tambores juntos.

Porém , como me ensinarao  
 Que a lançaſſe fóra a cuspos ,  
 Sahe , mas acaba de estouro ,  
 Tal , que o póde ouvir hum surdo.

E até

E até busca a favandija  
De huma Dama o subterfugio,  
Penetrando dez mil préguas  
Até chegar ao cothurno.

E se as apanha na Igreja,  
Então come mais seguro ;  
Porque as impede a coçar-se  
Aquelle grande reduto.

Porém lá tem seu desconto  
Nessas farturas, e he justo,  
Ja que busca aquelle baso,  
Que soffra a mulher do bufo.

Tão amiga he de vestidos,  
Que para seu gosto, ou uso,  
Se vale de forros velhos,  
Para cahir em veludos.

Naõ só em lançoos se deita  
De linho, brancos, e fuscos ;  
Mas tambem se estende a Hollanda ;  
E póde saltar a Hamburgo.

Estes são os favandijas,  
Que na cama fazem dar pulos,  
E da natureza humana  
São diabolicos gurgulhos.

Esta praga, que nos persegue,  
Sim tira o somno a muitos ;  
Mas peyores são aquelles,  
Que tiraõ o sangue do vulto.

Os ladroens , e as favandijas  
 Tem os mesmos attributos,  
 Que como o dinheiro he sangue,  
 Elles o tiraõ enxuto.

Mas delles se me não dá ,  
 E tambem delles não fujo ,  
 Pois não só não trago bolça  
 Porèm sempre ando espurio.

Se me mordem os bichinhos  
 Coço huns , outros facudo ,  
 Se he Piolho , o arranho,  
 Se Persevejo, o basculho.

Se he Pulga póz nos olhos,  
 Se he Persevejo, unto,  
 Se Piolho, o paparrás,  
 Mosquito, de bósta o fumo.

Porèm o melhor remédio  
 De todos mais opportuno ,  
 He o trincá-los cos dentes  
 A quem não causar engulhos.

F I M.

L I S B O A.

Na Offic. de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.  
 Anno de 1763.

---

*Com todas as licenças necessarias,*